

FILHOS: INFORMAÇÃO SEXUAL

FRANCISCO SEQUEIRA

FILHOS

informação

sexual

6ª edição



QUADRANTE

Copyright © 1993 Quadrante Editora

Capa
Karine Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sequeira, Francisco

Filhos: informação sexual / Francisco Sequeira — 6ª ed. —
São Paulo: Quadrante, 2026.

ISBN: 978-65-287-0117-9

1. Educação 2. Crianças 3. Pais e filhos I. Título

CDD-370.649

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação : Pais e filhos 370.649

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 11 3873-2270
CEP 01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

SUMÁRIO

7	INTRODUÇÃO
19	PRIMEIRA INICIAÇÃO
45	SEGUNDA INICIAÇÃO
73	CONCLUSÃO

INTRODUÇÃO

Estas páginas destinam-se aos pais. São eles os primeiros e grandes responsáveis pela educação dos filhos, de que faz parte a educação sexual.

Em não poucos casos, a atitude tradicional dos pais nesta matéria tem sido a inibição e o silêncio. “Papai, como é que o senhor sabe que é uma menina” — perguntava o garotinho de quatro anos a seu pai, ao ver a recém-nascida na maternidade. “Porque se sabe” — foi a resposta, sem outra explicação, nem no momento nem depois.

A educação sexual começa pela informação sexual, e esta deve ter início muito cedo. Custa compreender que os pais esqueçam com tanta facilidade os problemas sexuais da sua meninice e considerem os seus filhos não só mais inocentes do que eles o foram, mas livres dos tropeços que eles padeceram. Custa-lhes compreender que cada

geração supera geralmente a anterior nas coisas boas e más, mas sobretudo em precocidade.

Quanto antes se comece a educação sexual, melhor. Tanto mais que não se trata de ter uma única conversa *solene* ou *misteriosa*, mas de ir informando cada filho e filha de modo progressivo, num período de tempo mais ou menos longo e sempre aproveitando as ocasiões adequadas.

Já se vê, pois, que não se pode delegar esta responsabilidade ao médico, ao professor ou ao sacerdote. Nenhum deles acompanha a evolução da criança nem possui a sua confiança e o seu afeto. Devem ser os pais “quem dê a conhecer aos seus filhos a origem da vida, de um modo gradual, ajustando-se à sua mentalidade e à sua capacidade de compreender, antecipando-se ligeiramente à sua natural curiosidade. É preciso evitar que rodeiem de malícia esta matéria, que aprendam de uma má confidência de um amigo ou de uma amiga aquilo que em si mesmo é nobre e santo.”¹.

1 Josemaria Escrivá, *Entrevistas com Mons. Josemaria Escrivá*, 3ª ed., Quadrante, São Paulo, 2016, n. 100.

IDEIAS GERAIS

Hoje, emprega-se geralmente a expressão “educação sexual”, quando talvez fosse mais adequado falar de educação da afetividade, que abrange a instrução sexual — o que cada um deve saber sobre o sexo, segundo a idade e as circunstâncias — e a formação do ser humano como pessoa. A educação da afetividade é uma educação para o amor, que inclui o amadurecimento dos sentimentos e a reta ordenação dos impulsos biológicos.

A informação sexual não pode ser encarada, pois, como a simples transmissão de uns conhecimentos sobre a sexualidade humana, mas como um fenômeno que se situa num contexto psíquico, ético e religioso. O que interessa é *educar*, quer dizer, ajudar o filho a agir corretamente em busca do bem, de modo a assegurar o seu desenvolvimento como ser racional e como filho de Deus.

A verdadeira educação sexual tem assim uma dupla finalidade:

- criar no filho uma consciência reta dos fenômenos sexuais, que hão de estar ligados à ideia do amadurecimento da vida humana, do amor verdadeiro, da família e da procriação, tudo isso dentro do plano divino da Criação;
- ajudá-lo a compreender que a ordem sexual consiste em ordenar os impulsos sexuais de acordo com as normas da vida verdadeiramente humana. É uma orientação *positiva* que se oferece à juventude.

Assentadas estas perspectivas, não é difícil aos pais perceberem algumas características que devem acompanhar a informação sexual, desde os começos.

DIZER SEMPRE A VERDADE

Isto significa que não se deve fugir às perguntas dos filhos, já desde a mais tenra infância, nem responder-lhes com uma mentira. É preciso dizer sempre a verdade com precisão e delicadeza.

As histórias do irmãozinho trazido por uma cegonha ou achado num repolho devem ser banidas absolutamente, pois os filhos têm direito à verdade em tudo.

Quando os pais não cumprem com este dever, as fontes de informação que os filhos encontram costumam ser as mais inadequadas e, por vezes, catastróficas, levando-os a ter uma atitude errada perante o sexo que os pode marcar negativamente pelo resto da vida.

Não são poucos os que poderiam fazer uma confidência como esta: “Nunca esquecerei o sofrimento que me produziu saber-me enganado por meus pais nas suas explicações sobre o nascimento das crianças. Eu tinha sete ou oito anos. À saída do colégio, um grupo de companheiros comentava o nascimento do irmão de um deles. Perguntei-lhes com a maior inocência quem tinha ficado com o cestinho de rosas em que a criança tinha chegado. Pode imaginar a vergonha que passei com os seus risos e troças. O pior foi a brutal explicação que um deles me deu depois, a sós, com uma demonstração prática do que há que fazer para

gerar uma criança. Assim adquiri um vício que demorei muitos anos em tirar.”²

NATURALIDADE

É preciso partir da ideia básica de que “o sexo não é uma realidade vergonhosa, mas uma dádiva que se orienta limpamente para a vida, para o amor e para a fecundidade. Este é o contexto, o pano de fundo em que se situa a doutrina cristã sobre a sexualidade. Nossa fé não desconhece nada das coisas belas, generosas, genuinamente humanas que há aqui em baixo.”³

Os pais devem vencer o bloqueio que normalmente experimentam ante a curiosidade dos filhos. Sobre tudo as crianças muito pequenas perguntam sempre. Algumas perguntas ultrapassam até a capacidade lógica dos interrogados, pois provêm do mundo de fantasias em que as crianças vivem: por exemplo, onde dorme a lua,

2 Cit. por G. Molina, *La educación sexual de los chavales*, 3ª ed., Foll. Mundo Cristiano, n. 94, Palabra, Madri, 1971, p. 9.

3 Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, 5ª ed., Quadrante, São Paulo, 2018, n. 24.

por que o gelo é frio etc. Os pais não devem esquecer que essas perguntas, além da natural curiosidade, possuem um grande conteúdo afetivo. Com elas, as crianças querem aproximar-se afetivamente de seus pais, querem atenção individual.

Por outro lado, a curiosidade sexual na criança não é uma curiosidade especial, mas é parte da sua curiosidade geral de conhecer as coisas. São os adultos que atribuem às perguntas da criança uma carga sexual que elas não têm de maneira nenhuma.

É necessário, assim, que os pais aprendam a falar com os filhos com simplicidade, de maneira imperturbável, franca e amistosa. Se ficarem encabulados ou perderem a naturalidade, manifestando por olhares ou palavras extemporâneas que chegou a hora que temiam, o filho poderá pensar que há algo de errado e perderá a confiança. Aqui cobram o seu profundo significado as palavras de São Clemente de Alexandria: “Não devemos envergonhar-nos de mencionar aquilo que Deus não se envergonhou de criar.”

Na medida em que os pais se esforçam por enfrentar essas situações, vão-se habituando a falar aos filhos sem constrangimento. Não devem, pois, desistir se de início não conseguem ser um modelo de naturalidade, assim como não passa pela cabeça da mãe desistir de cuidar do recém-nascido só porque tropeçou nos primeiros passos, por não ter muita prática.

APROVEITAR AS OPORTUNIDADES

Um modo de tornar simples e natural a educação sexual consiste em aproveitar as oportunidades oferecidas pela vida familiar e social para ir transmitindo aos filhos a informação adequada.

O banho dos irmãozinhos menores, uma nova gravidez da mãe ou de uma vizinha podem ser oportunidades para a primeira iniciação. São momentos em que a explicação surge com toda a simplicidade, sem necessidade de lançar mão de argumentos ou mesmo imagens difíceis de entender.

Oportunidades semelhantes surgem também em determinados períodos críticos como

é a puberdade, em que pais atentos ao bem de seus filhos saberão distinguir os primeiros sintomas e até mesmo antecipar-se às perguntas ou adivinhar a necessidade de ajuda dos filhos.

Este clima de naturalidade e senso da oportunidade facilita que os filhos se abram com os pais espontaneamente, e neutraliza a influência nociva de colegas e amigos, ou mesmo de parentes mais velhos com livre trânsito na família, que se metem onde não são chamados.

Aproveitar as oportunidades não é forçá-las e muito menos transpor o tom confidencial que deve acompanhar sempre os esclarecimentos necessários. Os pais não devem despir-se diante dos filhos e não de tomar as medidas de prudência adequadas para que os filhos pequenos não os vejam nessa situação. As “lições” dos pais com o seu próprio corpo chocam profundamente os filhos. A mesma delicadeza deve haver no vocabulário que se empregue e no recurso às ilustrações: seria uma insensatez, se não uma maldade, jogar nas mãos das crianças revistas pornográficas para que “não ganhem complexos”. Por mais que se pretenda o contrário, uma

coisa é a naturalidade e outra a grosseria que chega à falta de educação e do respeito que os pais devem aos filhos.

INSTRUÇÃO PERSONALIZADA

Cada etapa evolutiva da sexualidade do indivíduo traz situações e acontecimentos distintos e apresenta questões diferentes na mente dos filhos. E mesmo dentro de uma determinada faixa etária, há muitas diferenças de filho para filho: grau e tipo de inteligência, capacidade perceptiva, informações anteriores, nível de desenvolvimento físico, psíquico e social, o ambiente que frequentam habitualmente etc.

Por outro lado, como vimos, a educação sexual não consiste apenas em explicar verdades sobre anatomia, fisiologia ou higiene, mas também na formação da afetividade, no estímulo à criação de hábitos saudáveis e na formação da consciência moral e religiosa da criança e do adolescente.

Por todos estes motivos, a educação sexual deve ser personalizada, por meio de respostas e

esclarecimentos individuais que os pais devem dar sem adiamentos medrosos.

Essas conversas *a sós*, principalmente quando os filhos vão crescendo, só podem ser benéficas: melhoram o clima de confiança entre pais e filhos e costumam ser “um passo importante para fortalecer a amizade entre pais e filhos, impedindo uma separação exatamente no despertar da vida moral.”⁴

DISPOSIÇÃO PARA O DIÁLOGO

O clima de confiança e de intimidade indispensável à educação sexual depende da atenção habitual que os pais dediquem aos filhos; vale a pena insistir em que a educação sexual é um capítulo da educação como um todo, e que é preciso conseguir que os filhos sejam sinceros, generosos, ordenados, alegres, sacrificados — virtudes essas que têm um reflexo positivo na

4 Josemaria Escrivá, *Entrevistas com Mons. Josemaria Escrivá*, n. 100.

luta que terão de travar mais adiante para dominar o corpo.

Tudo isto exige não só o exemplo constante dos pais, mas um ambiente de diálogo afetoso, que é o único que permite aos filhos abrirem-se em vez de se isolarem, e aceitarem os esclarecimentos e correções com as melhores disposições, por saberem que vêm de quem os ama e conhece os seus problemas e dificuldades.

É imprescindível que pai e mãe tenham tempo para estar com os filhos e que esse tempo seja tão sagrado como o horário de trabalho ou de ocupação nas lides domésticas, ou como o tempo que se dedica às refeições e ao sono.

Os pais conscienciosos sabem que uma das exigências da sua vocação de pais é o constante desejo de conhecer, escutar e ajudar cada filho. É seu dever melhorar constantemente a capacidade de intuir o estado de ânimo dos filhos e as suas necessidades de conselho e de orientação. É bom não esquecer que essa capacidade se desenvolve com a ajuda da graça sacramental do matrimônio.